

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

A IMPORTANTE COLEÇÃO DE INSTRUMENTOS DE FIBROLITE DO MUSEU DOUTOR SANTOS ROCHA NA FIGUEIRA DA FOZ.

GUERRA, A. Vítor; FERREIRA, O. da Veiga

Ano: 1979 | Número: 89

Como citar este documento:

GUERRA, A. Vítor; FERREIRA, O. da Veiga, A Importante colecção de instrumentos de fibrolite do Museu Doutor Santos Rocha na Figueira da Foz. *Revista de Guimarães*, 89 Jan.-Dez. 1979, p. 321-326.

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51

4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmento.uminho.pt

URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

A importante colecção de instrumentos de fibrolite do Museu Doutor Santos Rocha na Figueira da Foz

Por A. VÍTOR GUERRA
e O. DA VEIGA FERREIRA

I — *Preâmbulo*

Os instrumentos pré-históricos de fibrolite são sempre de grande interesse pois, como se sabe, o mineral de que são feitos é de grande raridade na natureza, pelo menos em tamanho, para se poderem talhar e polir instrumentos de combate ou de trabalho, como machados, enxós, goivas, etc.

A fibrolite é encontrada na Península, apenas na Serra de Guadarrama, em nódulos, nas rochas arcaicas, micaxistos e gneisses, e dali irradiou para o resto da Península Ibérica.

Há anos publicámos (V. F.) o primeiro estudo sobre estes instrumentos existentes nas colecções dos Serviços Geológicos de Portugal (1) e nessa altura tecemos várias considerações sobre o comércio e dispersão dessa espécie mineral empregada na confecção de instrumentos votivos, desde o Neolítico ao Eneolítico pleno-Cultura do Vaso Campaniforme.

Nesta nota apresentamos os instrumentos de fibrolite do «Museu Doutor Santos Rocha na Figueira da Foz». Temos a ideia (V. F.) de fazer o mesmo estudo

(1) O. da Veiga Ferreira, «A colecção de instrumentos de fibrolite do Museu dos Serviços Geológicos de Portugal», *Anais da Acad. de Ciênc. do Porto*, Tomo XXXVII, Porto, 1953.

para a rica colecção do «Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia Doutor Leite de Vasconcellos».

Os materiais do Museu figueirense provêm dos seguintes locais: Águeda, Alhadas, Arceiro, Bensafrim (Algarve) Cabanas, Cabeço de Moinhos (monumento megalítico), Cortiço da Serra (Celorico da Beira), Ereira, Junqueira, Santa Olaia, Serra de S. Bento, Serra da Brenha (Fonte da Brenha), Soure e Várzea do Lírio.

II — *Inventário do material estudado*

- 19 machados de vários tipos e tamanhos
- 2 fragmentos de machados
- 4 enxós
- 1 cinzel ou escopro.

III — *Descrição dos exemplares* (2)

Águeda — desta localidade existe na colecção um machado que tem o número de inventário 6932. É bege com laivos pretos, muito bem polido e afeiçoado. Comp. 92 mm; larg. máx. 42 mm; espe. 22 mm.

Alhadas — desta localidade existem belos exemplares no Museu, provenientes quer de achados de superfície, quer de monumentos megalíticos, como o dólmen do Casal da Serra.

Machado de cor castanho-escuro com o número 7008. Comp. 105 mm; larg. máx. 45 mm; esp. 16 mm. Outro machado de cor castanha, com laivos negros e número 1449 (está partido no talão). Comp.

(2) Todos estes materiais de fibrolite foram relatados nos trabalhos do insigne investigador figueirense Dr. Santos Rocha. Vidé a vasta bibliografia deste sábio arqueólogo, sobre a antiguidade figueirense, e peças do Museu provenientes doutras localidades do País. Não nos cansamos de repetir: o trabalho deste homem em prol da arqueologia peninsular foi duma fecundidade extraordinária.

100 mm; larg. máx. 46 mm; esp. 15 mm. Pequeno cinzel ou escopro acinzentado, com laivos negros e número 1447. Está danificado no talão. Comp. 61 mm; larg. 20 mm; esp. 10 mm. Enxó de cor acastanhada, com laivos negros e número 1452 (danificada no gume e no talão). Comp. 70 mm; larg. máx. 36 mm; esp. 11 mm.

Machado branco-rosado proveniente do dólmen ou monumento megalítico do Casal da Serra. Tem o número 1947. Comp. 70 mm; larg. máx. 47 mm; esp. 12 mm. Goiva dupla, isto é, nas duas extremidades da peça. É cinzenta, com laivos negros e tem o número 7365. Comp. 67 mm; larg. máx. 20 mm; esp. 19 mm. Machado rosado, com manchas amarelas de ouro e manchas negras. Tem o n.º 1453. Comp. 90 mm; larg. máx. 51 mm; esp. 13 mm. Parte do gume dum machado de cor cinzenta, com manchas amarelas escuras. Tem o número 1460.

Arieiro — Deste sítio provém um grande machado espalmado, de tipo evoluído, de cor castanha, com veios dourados e negros, ligeiramente danificado no talão. Tem o número 2164. Comp. 157 mm; larg. máx. 98 mm. esp. 18 mm.

Bensafrim (Algarve) — Das suas digressões arqueológicas pelo Algarve, trouxe o Dr. Santos Rocha um pequeno machado branco-amarelado, quase quadrado, com vestígios de uso. Tem o número 7494. Comp. 27 mm; larg. máx. 30 mm.; esp. 5 mm.

Cabanas — Esta área é rica em instrumentos polidos.

Machado de cor azulada com laivos doirados, mal acabado, partido no talão. Tem o número 8976. Comp. 100 mm; larg. máx. 46 mm; esp. 21 mm. Pequeno machado com laivos pretos e cremes, danificado no talão. Tem o número 1451. Comp. 36 mm; larg. máx. 30 mm; esp. 7 mm. Pequena enxó do vale de Romão (Brenha) de branco marfim velho com o número 2226. Comp. 39 mm; larg. máx. 29 mm; esp. 8 mm. Pequeno machado elíptico, espesso, com laivos pretos, cremes e castanhos. Tem o número 6587. Comp. 44 mm; larg. máx. 18 mm; esp. 9 mm.

Cabeço de Moinhos — Do monumento megalítico com este nome tirou Santos Rocha um machado ovóide, espalmado, de pequenas dimensões, de cor azulada, com laivos doirados. Tem o número 1426. Comp. 42 mm; larg. máx. 27 mm; esp. 7 mm.

Cortiço da Serra (Celorico da Beira) — Possivelmente dum dólmen destruído veio para o Museu um pequeno machado castanho-amarelado, com manchas castanho-escuras, partido no talão e danificado no gume por vestígios de uso. Tem o número 7498. Comp. 35 mm; larg. máx. 19 mm; esp. 7 mm.

Ereira — Machado de cor cinzenta, danificado no talão. Está perfeito no trabalho de polimento e afeiçoamento. Tem o número 2746. Comp. 55 mm; larg. máx. 38 mm; e p. 12 mm. Machado tosco de cor castanha, com manchas cinzentas. Tem o número 2747. Comp. 83 mm; larg. máx. 55 mm; esp. 15 mm. Machado de cor amarelada, com manchas castanhas, espesso, talão e gume, embutados, pois serviu de percutor, o que é raro. Tem o número 2741. Comp. 95 mm; larg. máx. 52 mm; esp. 25 mm.

Junqueira — Pequeno machado de cor cinzenta, com laivos castanhos e pretos, danificado no gume por vestígios de utilização. Tem o número 6655. Comp. 53 mm; larg. máx. 28 mm; esp. 10 mm. Enxó muito espalmada de cor negra, com manchas brancas, azuladas e doiradas. Tem o número 2498. Comp. 117 mm; larg. máx. 48 mm; esp. 12 mm.

Santa Olaia — Do nível neolítico deste extraordinário castro provém um machado estreito e espesso, mal acabado, negro, com manchas amarelas e negras e laivos doirados. Tem o número 7998. Comp. 104 mm; larg. máx. 34 mm; esp. 21 mm.

Serra de S. Bento — Talvez dum monumento destruído veio para o Museu uma grande enxó, espalmada, de cor cinzenta, danificada no talão. Tem o número 1958. Comp. 108 mm; larg. máx. 60 mm; esp. 12 mm.

Serra da Brenha (Fonte da Brenha) — Daqui, existe no Museu um machado tosco, mal acabado de cor de marfim velho, com manchas pretas, com o número 8802. Está danificado no talão. Comp. 104 mm; larg. máx. 55 mm; esp. 28 mm.

Soure — Desta localidade veio para o Museu um belo exemplar de machado muito espalmado, cor de marfim ou pérola, com laivos muito brancos. É pena estar partido no talão. Tem o número 7673. Comp. 79 mm; larg. máx. 55 mm; esp. 10 mm.

Várzea do Lirio — Possivelmente do povoado neolítico, com cerâmica cardial, veio metade dum machado tipo «língua de gato» amarelo-acinzentado, com manchas pretas. Tem o número 2495. Comp. 56 mm; larg. máx. 32 mm; esp. 9 mm.

IV — *Considerações finais*

Dada a natureza das jazidas do material de fibrolite inventariado nesta nota, quase todo de superfície, é-nos muito difícil tirar conclusões definitivas. Mesmo assim, pelo tipo de trabalho, forma e acabamento de algumas das peças, podemos dizer que alguns destes instrumentos são dos finais do Eneolítico. Outros há provenientes de monumentos megalíticos que já estão bem identificados com as influências do Sudeste espanhol, via Península de Lisboa (3). Outros ainda são de estações nitidamente neolíticas, como o de Santa Olaia (4), Soure e Várzea

(3) O. da Veiga Ferreira, «Inventário dos monumentos megalíticos dos arredores de Lisboa», *Actas do I Congresso Nacional de Arqueologia*, Vol. I, Lisboa, 1959.

A. Vitor Guerra e O. da Veiga Ferreira, «Inventário dos monumentos megalíticos dos arredores da Figueira da Foz», *Arquivo de Beja* vols. XXV, XXVI, XXVII, Beja, 1968-71.

(4) A. dos Santos Rocha, «Estação neolítica de Santa Olaya», *Bol. da Soc. Archeológica Santos Rocha*, vol. I, n.º 3, Figueira, 1906.

A. Vitor Guerra e O. da Veiga Ferreira, «A importância da estação neolítica de Santa Olaia para o estudo do Neolítico em Portugal» (a sair na *Arqueologia e História*).

do Lírio (5). De qualquer forma, e sabendo-se que a fibrolite veio justamente da Serra do Guadarrama em Espanha, isso prova o intercâmbio certo entre aquelas paragens e a faixa costeira portuguesa desde, pelo menos, o Neolítico com cerâmica cardial ou seja do Neolítico da base, português (6).

A circunstância de se identificar na região figueirense, na época da Pedra Polida, uma grande riqueza de instrumentos de fibrolite vem demonstrar que esta região desde o Neolítico foi uma região sempre florescente e de importância. Certamente que os povos do interior peninsular trocavam os seus produtos, e neste caso a fibrolite, por outros das regiões costeiras portuguesas talvez, quem sabe, os produtos do mar. Isso não nos deve admirar, pois, em Fátima, numa gruta e em pleno «interland» calcário, longe do mar, foi descoberta uma jazida com abundante concheiro de espécies marinhas ou de água salobra (7).

Outra hipótese para essas transacções poderiam ser os produtos cerâmicos, pois de há muito que a riqueza dos barros da região figueirense é notória.

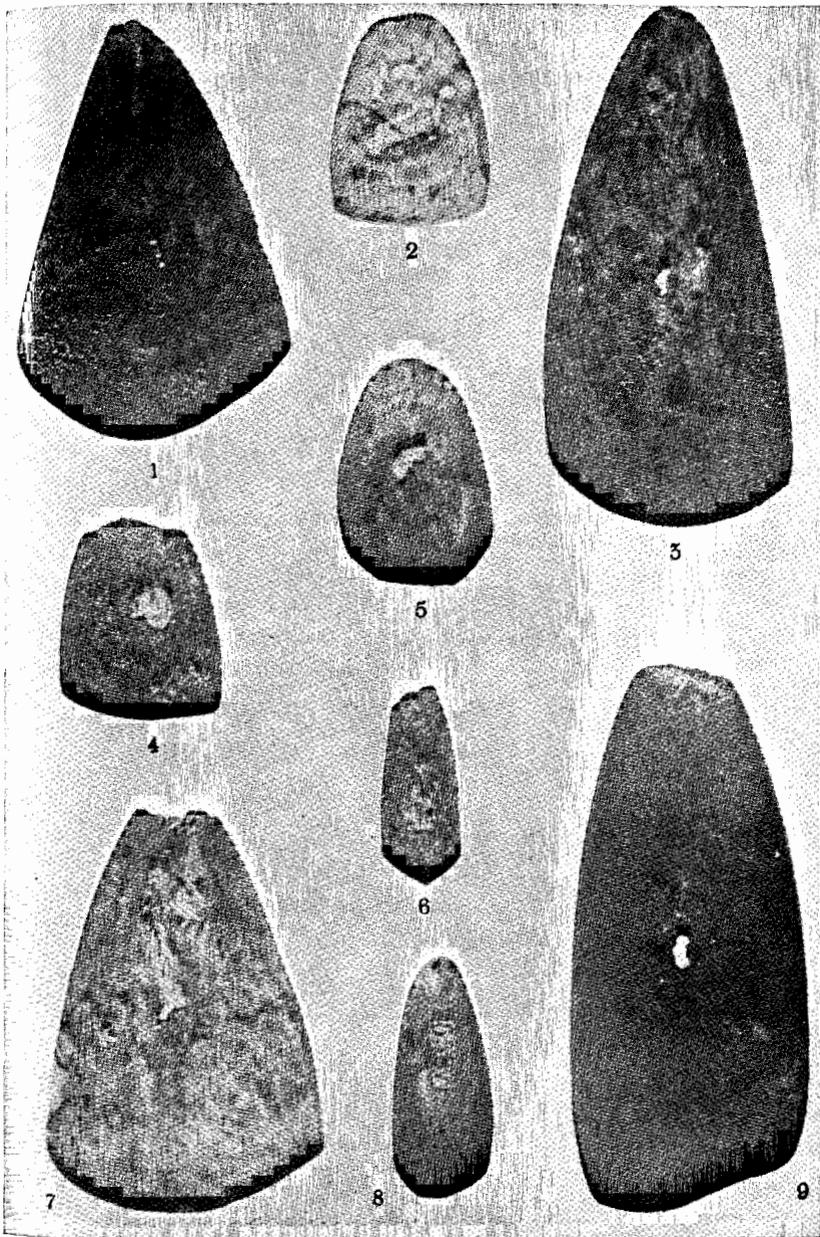
Seja como for, é inegável a importância da rica colecção de instrumentos de fibrolite do «Museu Doutor Santos Rocha na Figueira da Foz».

(5) Jean Guillaime et O. da Veiga Ferreira, «Le Neolithique ancien au Portugal», *Bull. Soc. Preh. Française*, T. 67, Paris, 1970.

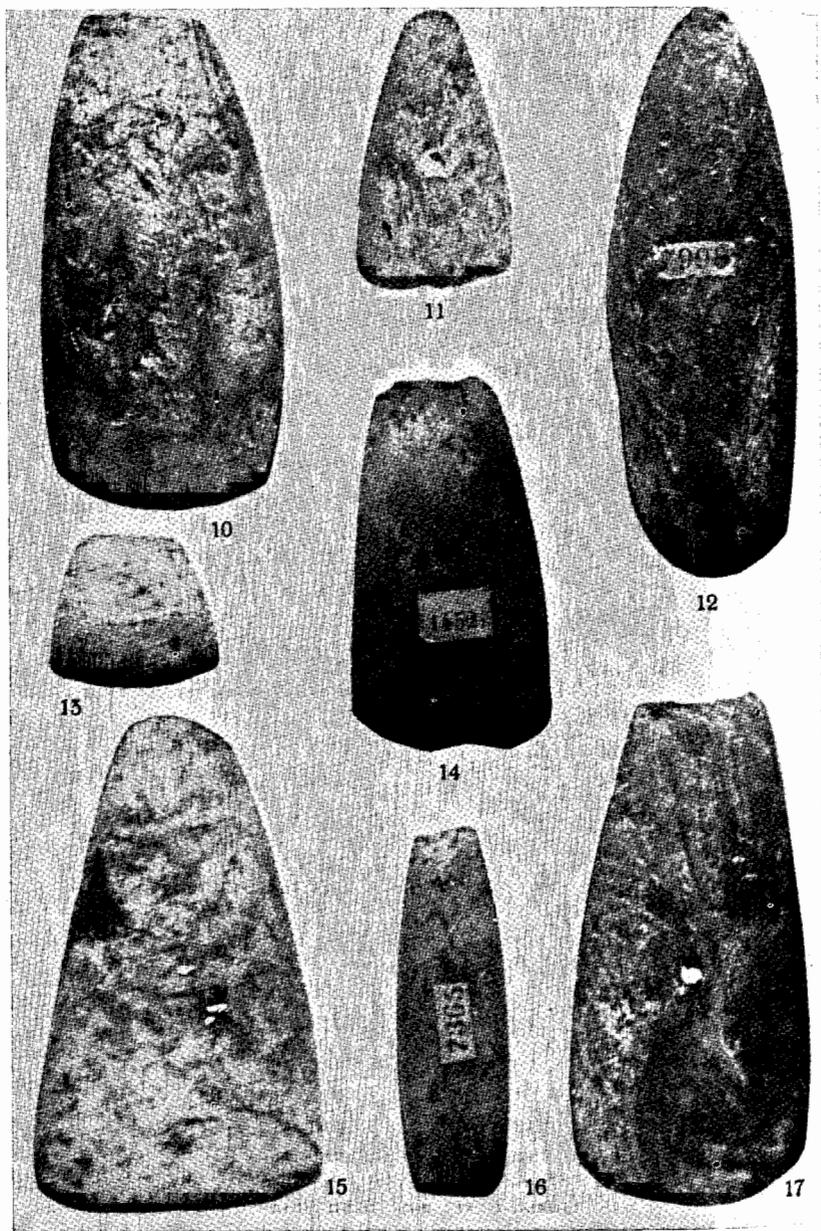
O. da Veiga Ferreira, «A estação com cerâmica cardial da Ponta de Sagres (Algarve)», *Arqueologia e História*, 9.ª série, vol. II, Lisboa, 1970.

(6) O. da Veiga Ferreira, «Acerca dos vasos globulares com asas perfuradas e ornamentação em «falsa folha de acácia», *Actas das I Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses*, vol. II, Lisboa, 1970.

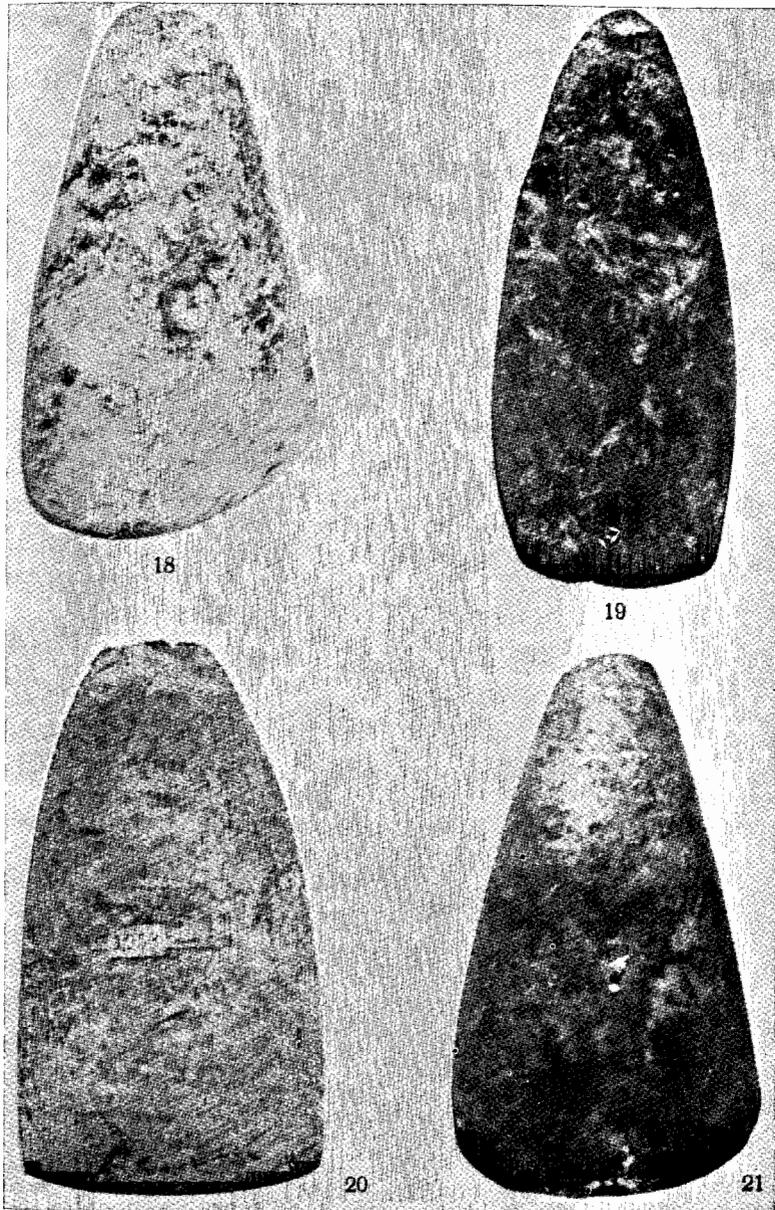
(7) Esta gruta foi descoberta, nos arredores do Santuário de Fátima. Visitámo-la e verificámos que se trata duma gruta com um concheiro, cinzas, carvões, ossos de animais queimados, etc., do tipo dos concheiros do Vale do Tejo e do Vale do Sado. A fauna dá, à primeira vista: *Cardium edule*, *Scrobicularia plana*, *Tapes decussata*, *Vulpes vulpes*, *Orytolagus cuniculus* etc. A análise do rádio-carbono 14 feita pelo Laboratório de Groningen deu uma data à volta dos 5.000 anos a. C. (Mesolítico superior português ou já um Neolítico antigo?).



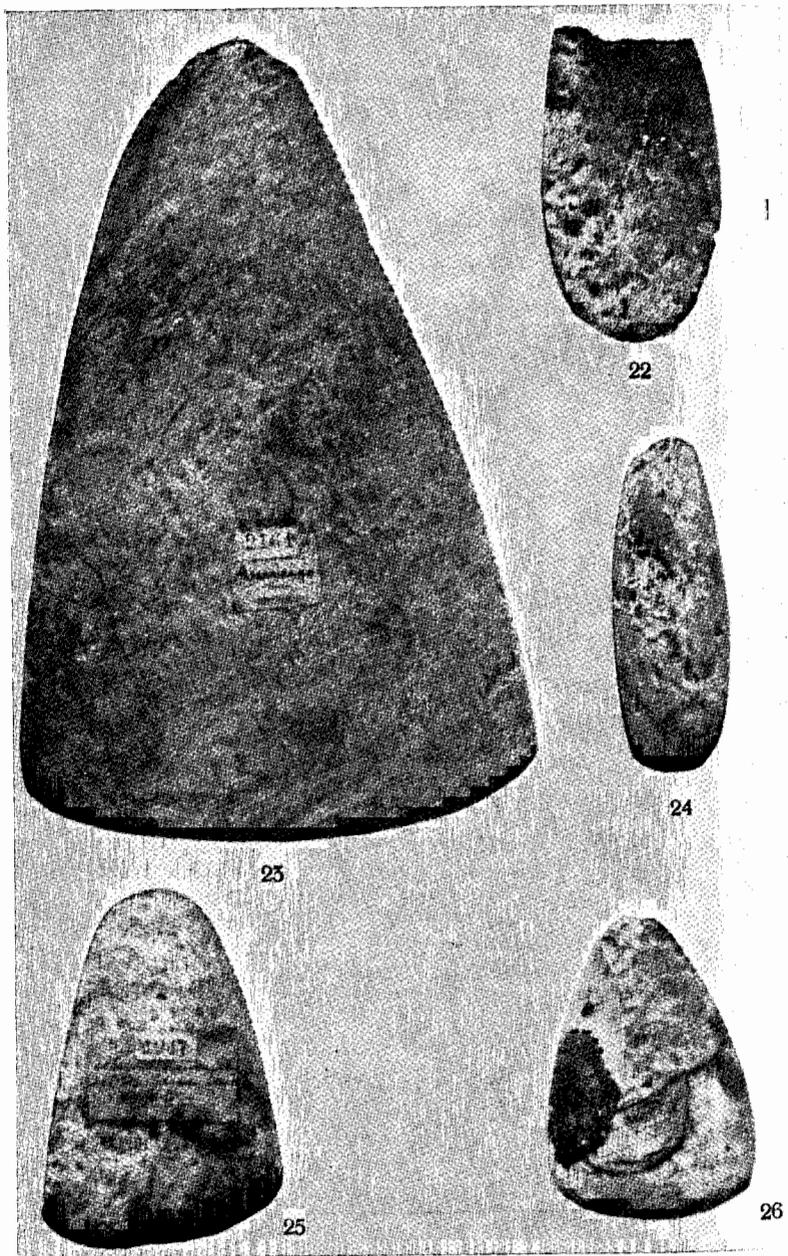
1 — machado da Ereira (n.º 2747); 2 — enxó da Brenha (n.º 2226); 3 — machado de Águeda (n.º 6932); 4 — machado de Cabanas (n.º 1451); 5 — monumento megalítico do Cabeço de Moinhos (n.º 1426); 6 — machado de Cortiço da Serra (Celorico da Beira) (n.º 7498); 7 — machado de Soure (n.º 7673); 8 — machado de Cabanas (n.º 6587); 9 — machado de Alhedas (n.º 7009)



10 — machado de Cabanas (n.º 8976); 11 — machado da Junqueira n.º 6655);
12 — machado de Santa Olaia (n.º 7998); 13 — machado de Bensafrim (Algarve)
(n.º 7494); 14 — enxó das Alhadas (n.º 1452); 15 — machado das Alhadas n.º 1453;
16 — goiva das Alhadas (n.º 7365); 17 — Machado das Alhadas (n.º 1449)



18 -- machado da Fonte Brenha (n.º 8802); 19 -- Enxó da Junqueira (n.º 2498); 20 -- Enxó da Serra de S. Bento n.º 1958); 21 -- machado da Ereira n.º 2741)



22 — machado (metade) tipo «língua de gato» da Várzea do Lirio (n.º 2495);
23 — Grande machado do Arneiro (n.º 2164); 24 — Cinzel ou escópro das
Alhadas (n.º 1447); 25 — machado do megalito do Casal da Serra das Alha-
das (n.º 1947); 26 — machado da Ereira (n.º 2746).